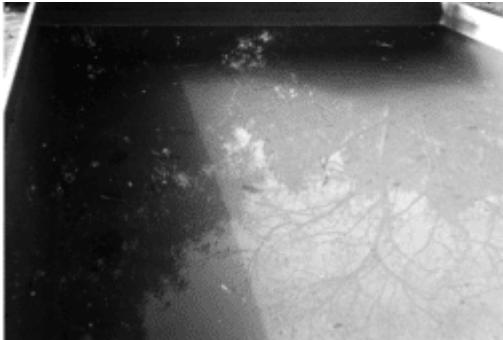


Janio de Freitas



Por **HENRY BURNETT\***

*Ler o Janio aos domingos, durante os últimos quatro anos, era um refúgio, um dos únicos motivos de seguir pagando a Folha*

Eu já fiz coisas quase insanas para ler a *Folha de S. Paulo*. Morava num conjunto da Cohab no bairro do Coqueiro, no município de Ananindeua, colado a Belém; algo como Guarulhos em relação a São Paulo. É quase certo que eu fosse o único assinante do jornal num raio de quilômetros. Até aí tudo bem.

O problema é que a assinatura devia custar cinco vezes mais que o valor do Sudeste e o jornal, podem rir, não raro só era entregue no dia seguinte. Logo, muitas vezes lia o jornal com um atraso que, no mundo das notícias, podia ser fatal.

O motivo daquele gasto absurdo para um estudante desempregado era simples: os jornais de Belém eram contaminados pela política provinciana e eu achava que o “maior jornal do país” era isento.

Mas logo outros motivos me tornaram dependentes daquela leitura. Marcelo Coelho era meu preferido. Aquilo era jornalismo cultural do mais alto nível e não fazia diferença ler suas colunas um dia depois da publicação.

Nunca esquecerei a estreia de Arnaldo Jabor no jornal. Ele escreveu, cito de memória quase trinta anos depois, sobre o quadro de Diego Velázquez *As meninas*. Foi um deslumbramento. “Ler” um quadro; eu via aquilo pela primeira vez, num jornal!

Não posso sequer confirmar a informação no Acervo da *Folha*, porque anteontem cancelei em definitivo minha assinatura digital (teria sido bem melhor se existisse isso naquela época...). Depois de tantos anos lendo esse jornal - contra várias dicas de amigos que sempre me alertaram sobre as ambiguidades destiladas nos editoriais - fui vencido.

Quando soube da demissão do jornalista Janio de Freitas fiquei alguns minutos sem entender - de novo eu tentava entender o jornal, para dar-lhe algum crédito. Tendo publicado duas ou três colaborações e me sentido “o centro do mundo”, me sentia esgotado; já não era sem tempo.

Tentei cancelar minha assinatura a primeira vez logo depois da vitória do Lula. Curioso, Freud explica. Eu já andava sentindo a ambiguidade (?) do jornal bater no teto, mas então antes de abrir o editorial, no dia seguinte à vitória, eu pensei comigo, “a *Folha* vai cobrar o Lula um dia depois da apuração”. Batata, diria Nelson Rodrigues (por que lembrei dele?). Estava lá o editorial confirmando minha intuição.

Entro no chat e peço para cancelar. O atendente, pasmem, me sugere ler o Ombudsman como argumento para aceitar pagar “1,90 por três meses, depois 9,90”. Perguntei se ele estava me sugerindo manter a assinatura para ler a única coluna que criticava o jornal e a resposta foi sim. Mas eu disse que já lia, ele e Janio de Freitas, e o Marcelo Coelho, claro. Prorroguei mais um ano... (já era caso de internação, eu sei).

Mas a demissão de Janio foi demais. Lembro que ele havia sutilmente se queixado quando o jornal reduziu de duas para uma única coluna dominical sua colaboração. Ler o Janio aos domingos, durante os últimos quatro anos, era um refúgio, um dos únicos motivos de seguir pagando a *Folha*.

Como um jornal demite seu jornalista mais importante, cuja integridade e acuidade política servia de baliza para dezenas de jornalistas no país? Leio o motivo: contenção de gastos... pensei: não seria o caso de triplicar o salário para manter um jornalista dessa qualidade nos quadros do jornal? Se o *New York Times* declara voto, por que a *Folha* se mantém

“apartidária”? Meu amigo alemão, no auge da campanha, me disse assim: “a *Folha* é de esquerda”. Ledo e Ivo engano, meu caro.

Acho que este texto deveria ser escrito por um jornalista, não é meu caso. Sou apenas um ex-leitor, para quem o jornal se tornou um fardo insuportável. Cancelei o recebimento da *Newsletter*, mas eles seguem mandando, como um castigo.

Soube que Marcelo Coelho saiu junto comigo, em respeito ao colega. Eu, que assinei o jornal muito por sua causa, me senti representado. Pensando bem, a saída dele faz acreditar que ainda resta gente íntegra neste mundo.

\***Henry Burnett** é crítico musical e professor de filosofia da Unifesp. Autor, entre outros livros, de *Espelho musical do mundo* (Editora Phi).

**O site A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

Ajude-nos a manter esta ideia.

**Clique aqui e veja como**